

Mais da metade das clínicas de reprodução está irregular

Sem lei que regulamente o setor, que movimenta R\$ 450 milhões por ano, apenas 78 dos 200 estabelecimentos cumprem as normas da Anvisa



ELIÁRIA ANDRADE

Reprodução assistida. Especialista manuseia paletas de armazenamento de sêmen em uma clínica: este ano, cerca de 30 mil ciclos (tratamentos) devem ser realizados

MARIANA TIMÓTEO DA COSTA
mariana.timoteo@oglobo.com.br

-SÃO PAULO- De um lado, cerca de 15% das mulheres brasileiras que, segundo estimativas, por problemas delas ou dos parceiros, têm dificuldade de engravidar. De outro, especialistas de um mercado cada vez mais lucrativo: o da reprodução assistida. No meio, nenhuma lei, apenas normas elaboradas em 2011 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e, em 2010, pelo Conselho Federal de Medicina tentando regulamentar o setor. A conclusão: regulação e fiscalização ainda muito longe da eficácia. De um total estimado de 200 clínicas que oferecem serviços de inseminação artificial e fertilização in vitro, apenas 78 cumpriram a resolução da agência que as obriga a dar informações, chamada RDC 23. A lista foi compilada pela Anvisa a pedido do GLOBO.

A norma de 2011 obrigava-as, até abril de 2012, a informar o número de ciclos (tratamentos) realizados; o número de óvulos produzidos; o número de óvulos fecundados (embriões) e o número de embriões transferidos (ao útero da mulher), congelados e desprezados. A grande maioria não cumpre tais exigências.

ESTADOS SÃO OS RESPONSÁVEIS POR FISCALIZAÇÃO

O banco de dados da Anvisa é o único cadastro nacionalizado dessas clínicas, cuja certificação e fiscalização cabem aos estados. A Anvisa desconhece a quantidade de clínicas operando. A estimativa de 200 é da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana (SBRH) e da Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida (SBRA).

Chamado Sistema Nacional de Produção de Embriões (SisEmbrio), o banco foi criado em 2008 numa tentativa de controlar a manipulação de gametas (óvulos e espermatozoides) e

embriões. Isso dificultaria abusos como os cometidos pelo médico Roger Abdelmassih, pois o governo teria mais controle sobre esses processos em clínicas particulares. O Ministério Público de São Paulo possui casos de bebês de pelo menos três casais que nasceram com o DNA da mãe e não do pai. Os casos são mantidos em sigilo de Justiça, já que Abdelmassih está foragido desde 2011 e não pode ser indiciado por esses crimes. Autoridades do MP e da Assembleia Legislativa de São Paulo — que em maio instaurou a CPI da Reprodução Assistida — desconfiam que há mais casos em outras clínicas.

O SisEmbrio também ajudaria a controlar um dilema ético: a demanda reprimida por óvulos no Brasil. Como a comercialização de gametas é proibida, eles devem ser obtidos apenas via doação e esta deve ser anônima. Com as mulheres deixando para engravidar cada vez mais tarde, seus óvulos já não têm mais a mesma qualidade. Muitas só conseguirão ter um bebê com óvulo doado. Fazer uma mulher mais jovem doar espontaneamente é muito difícil, pois ela tem que tomar hormônio e fazer uma microcirurgia.

— A solução que encontramos é ou mandar a paciente que tem condições financeiras para os Estados Unidos (onde podem comprar óvulos por cerca de US\$ 3 mil) ou fazê-la pagar pelo tratamento de uma mulher de menor renda e esta, por sua vez, lhe doa os óvulos excedentes — explica o especialista em reprodução humana Nilo Frantz.

O especialista em bioética Volnei Garrafa, da Universidade de Brasília (UnB), questiona:

— Isso é mercantilizar!

Segundo Garrafa, a reprodução assistida representa um dos “grandes conflitos éticos e precisa ter um controle público e social”.

Daniel Coradi de Freitas, gerente de Tecidos, Células e Órgãos da Anvisa, diz que as clínicas

que não detalham suas atividades estão cometendo infração sanitária e serão notificadas.

Enquanto as clínicas omitem o que fazem com óvulos e embriões e a punição demora a acontecer, o mercado não para de crescer. Se em 2008 eram realizados cerca de 20 mil ciclos (tratamentos) por ano, a expectativa para 2012 é a realização de 30 mil — “por baixo”, segundo o especialista em reprodução humana Artur Dzik, presidente da SBRH. Levando em conta que cada ciclo custa em média R\$ 15 mil, o mercado gira em torno dos R\$ 450 milhões anuais.

Dzik, assim como a maioria dos especialistas em reprodução assistida entrevistados, discorda de que uma lei seja necessária. Todos, no entanto, concordam que a busca pela técnica e a ciência avançam a passos muito mais largos do que a fiscalização no setor.

— A gente tem um código de ética consistente e atualizado pelo Conselho Federal de Medicina. É o mercado quem vai regular os médicos, eliminando naturalmente os maus profissionais — diz o especialista Luiz Fernando Dale.

Para Dzik, “a coisa mais fácil que tem é provar que houve troca de DNA, é só fazer o exame”.

— Partir do princípio que há má fé ou um mercado negro de óvulos... Não dá para entrar nesse nível de desconfiança — rebate o médico, convocado para depor em nome da SBRH na CPI paulistana, presidida pelo deputado Carlão Pignatari (PSDB).

— Essa informação de que clínicas não estão em dia com a Anvisa aumenta a nossa desconfiança de que o setor precisa ser melhor fiscalizado — diz o deputado.

No Rio, onde a fiscalização acontece desde 2006, a Vigilância Sanitária Estadual lista 10 estabelecimentos, apesar de mais operarem no mercado. Só cinco foram fiscalizados este ano e apenas sete informaram dados ao SisEmbrio. ●

Filho rompeu com Abdelmassih após acusações

Especialista em reprodução foi condenado por violência sexual contra pacientes

-SÃO PAULO- O obstetra Vicente Abdelmassih, de 44 anos, conta que falou a última vez com o pai, Roger, no Natal de 2010. Alguns dias antes de o especialista em reprodução humana — condenado a 278 anos de prisão por estupro e violência sexual de 39 pacientes — desaparecer.

— Graças a Deus não falei mais com ele. Não tenho a menor ideia de onde possa estar. O rompimento foi escolha minha e da minha irmã — diz Vicente, que, ao lado da irmã Soraya, “tenta recomeçar” a carreira na clínica de reprodução assistida EmbryoFetus, no bairro paulistano do Jardim Europa, que não está em dia com a Anvisa.

Os filhos trabalhavam com Abdelmassih no centro médico que funcionava no mesmo bairro. Vicente garante que não sabia de nada do que se passava entre o pai e as pacientes que o acusaram de abusos sexuais, em 2008. Roger Abdelmassih foi preso em 2009, condenado em 2010 e perdeu o direito de exercer a medicina. Depois de um habeas corpus dado pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, pôde responder ao processo em liberdade. Mas está foragido desde o início de 2011. Os bens da família, um total que seria de R\$ 18 milhões, estão bloqueados na Justiça.

Além dos crimes sexuais, únicos pelos quais foi condenado, Roger é acusado de trocar DNA de embriões (há 3 casos na Justiça de São Paulo de bebês que possuem os genes da mãe e não do pai). Vicente, que até 2009 alegava que o pai era inocente, agora diz que “cabe à Justiça decidir”.

Indagado se o pai fazia sexagem (escolha do sexo do bebê) ou turbinava óvulos, Vicente dá a entender que sim.

— Não havia normas contra a sexagem, assim como não há normas que impeçam a turbinagem de óvulos (injeção do núcleo num citoplasma mais resistente da célula, com o objetivo de deixar o material mais forte, aumentando as chances de engravidar).

A prática, no entanto, caiu em desuso após os escândalos envolvendo Roger. O próprio Vicente afirma que ela não é tão eficaz assim — além disso, há o risco de o bebê nascer com um terceiro DNA. Já a sexagem hoje é proibida no Brasil.

Na EmbryoFetus, Vicente é sócio minoritário de Sang Choon Cha, imunologista que garante que mulheres de qualquer idade podem e devem engravidar se quiserem.

— Tenho uma paciente aqui com quase 60 anos, grávida de gêmeos, com óvulos doados. A partir dos 37 anos, quase toda mulher precisará de óvulos doados, os óvulos começam a virar porcaria aos 37!

Ao contrário da maioria dos especialistas do setor, Sang não reclama de falta de gametas no mercado.

— Eu convenço minhas pacientes a doar excedentes após seus tratamentos a quem precisa. Todo o mundo fica feliz — afirma Sang, cuja clínica funciona desde 2010 e reclama da lentidão da Anvisa para regularizar sua situação. ●

SONHO E SOFRIMENTO

Tratamento exaustivo na esperança de ter um bebê

Para realizar o desejo de ser mãe, mulheres aprendem a confiar no médico e gastam até R\$ 200 mil

-SÃO PAULO-

Um tratamento exaustivo financeiramente, emocionalmente e fisicamente. O desgaste, no entanto, é completamente esquecido quando nasce o bebê. É assim que mulheres como a advogada goianiense Flávia Aragão, de 36 anos, e a gaúcha Gabriela Tyska, de 37, definem o processo de reprodução assistida pelo qual passaram. Flávia gastou quase R\$ 200 mil para dar à luz Naum, de dois anos. Foram oito anos e oito tentativas frustradas em diferentes clínicas de Goiânia. Até “alugar” o útero da cunhada ela alugou. Estava quase optando por um óvulo doado quando resolveu tentar a sorte em São Paulo.

— Na primeira tentativa, veio o Naum. Agora, cá estou eu novamente me tratando. Quero engravidar de gêmeos — conta.

— Não dá para a gente controlar tudo, saber os detalhes do tratamento. O segredo é procurar um médico bom e confiar nele — diz Gabriela, que teve Frederico e Felipe, hoje com 3 anos, após R\$ 100 mil e quatro tratamentos.

Os tratamentos hormonais costumam deixar as mulheres inchadas e com os nervos à flor da pele. Há relatos de uma síndrome de hiperestimulação dos ovários que precisa ser observada. As gestações de gêmeos — comuns em até 40% dos casos — merecem cuidados especiais. Tanto que as normas recentes limitam o número de embriões a serem implantados no útero.

Médicos e especialistas que não trabalham no setor alertam para o fato de não haver uma norma limitando a quantidade de tratamentos.

— Quem garante que elas estão recebendo o tratamento adequado? Hormônios em quantidade não fazem mal à saúde? — diz o especialista em bioética Volnei Garrafa. ●



MARCOS ALVES

Carinho. Flávia Aragão e o pequeno Naum, de 2 anos: oito tentativas frustradas antes da chegada do primeiro filho